

A REDUÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO: A PROPÓSITO DO CONTO *AS CORUJAS*, DE MOREIRA CAMPOS

Francisco Sales de Sousa*

Resumo

Considerações sobre o conto *As Corujas*, de Moreira Campos, com ênfase ao tempo e ao espaço narrativos, sublinhando também o tema morte/vida.

Palavras-chave

Conto, ficção, narrativa, tempo, espaço.

Abstract

Considerations on the short-story *As Corujas* (The Owls) by Moreira Campos, emphasizing the **time** and **space** of the narrative, also underlining the death/life theme.

Key Words

Short-story, fiction, narrative, time, space.

INTRODUÇÃO

O conto *As Corujas* é um dos mais curtos no conjunto da ficção de Moreira Campos, comparado a alguns de sua autoria, como *Os três retratos*, *Os Anões* e *Os estranhos mendigos*. É a propositada redução do tempo e do espaço narrativos que o caracteriza, como se a reflexão sobre a vida e a morte aí não coubesse, mas que termina sendo tema explorado com o evidente esmero da técnica narrativa. É um conto que pode ser lido num só fôlego, ainda que o leitor incauto não perceba o conteúdo profundamente humano contido na brevidade da narração. Digo humano, porque é a condição humana que se apresenta refletida na técnica declaradamente resumida do conto como forma de expressão literária. É a curta distância entre a vida e a morte que está representada e que tem sido tema já bastante explorado na literatura contemporânea, como - se quisermos citar apenas um exemplo -, em *Il Filo dell'orizzonte* (*O Fio do horizonte*),

romance do italiano Antonio Tabucchi, publicado pela primeira vez em 1986.

Em *As Corujas*, o tempo e o espaço encontram-se diluídos no tecido narrativo, uma vez que o narrador não se detém em descrevê-los. Todavia, mesmo não sendo descritos, estes dois importantes elementos da narrativa, são, de algum modo, conhecidos, a partir da ação e das situações que estruturam o conto.

O tempo d'*As Corujas* é a noite, o tempo da morte revelada, embora o dia contribua, de alguma maneira, para a noção de continuidade temporal observada muito sutilmente em alguns momentos: “*as grandes botas gastas e de cadarços do alemão andarilho, que amanheceu (grifo nosso) morto no oitão do armazém da praia, onde se alojara...*”. O dia, que se opõe à noite, dá, aí, a impressão de o tempo passar, impressão que é reforçada ainda com a alusão ao comportamento das corujas, que se recolhem “*de dia ao sótão da capela onde pegam os ratos, que guincham nas suas garras*”. A dinâmica do tempo cronológico não é a mesma do tempo da ação, isto é, da sucessão dos acontecimentos narrados, uma vez que a noção de temporalidade situa-se sobretudo no nível psicológico. Podemos dizer que o tempo aí representado parece até mesmo estranho à narrativa, como se fosse o tempo da “realidade objetiva” na qual os personagens estão situados, e não precisamente o tempo da ação que praticam. Essa dinâmica pode ser observada psicologicamente nos planos que o vigilante tem de falar “*com a irmã Jacinta, diretora do nosocômio, quando ela vier para a ala dos indigentes...*”. Ou, ainda, na certeza que ele tem de que irmã Jacinta “*mandará que Antero jardineiro trepe ao sótão.*”

A difícil tarefa de pegar corujas à noite é reforçada pela idéia que o mesmo vigilante ainda tem de que Antero “*torcerá o pescoço das corujas, com os cabelos cheios de aranha, e as atirará ao pátio do alto da torre, pilheriando com as enfermeiras.*” Tarefa que, não podendo mesmo ser realizada à noite, dá a impressão de que o dia surgirá, e que

* Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras/UFC. Doutor em Letras (Literatura Brasileira).

a proximidade entre a noite e o dia corresponde à morte e à vida, num espaço em que convivem o vigilante, o necropsiador Joca, a irmã Jacinta, o servente Antero e as enfermeiras.

A noção de tempo é observada, de fato, nas relações noite/dia, presente/passado/futuro. A ação se desenvolve no presente e nos permite obter um quadro onde os cadáveres e o vigilante estão no centro. O vigilante pouco se movimenta no exíguo espaço do necrotério e, quando isto acontece, é somente para fechar as janelas, afugentar as corujas e cobrir os corpos inertes com os curtos lençóis de lona. A partir da visão do narrador que, mediante o discurso indireto livre, se apropria da consciência do personagem,- neste caso, o vigilante -, os três tempos parecem se fundir. A idéia de temporalidade não é, portanto, observada apenas no uso do verbo no Futuro (Indicativo ou Subjuntivo), pois o Pretérito Perfeito (Indicativo), contribui, também, para a compreensão de que a rotina do necrotério e do nosocômio é responsável por uma existência que é marcada pelo tédio no presente, com reflexos no passado. Muito mais do que qualquer outro personagem, o vigilante encarna a vida tediosa, bem diferente da do Dr. Joca, com quem “já falou” a respeito da tela de arame a ser posta na clarabóia, e a quem “trata por você, porque foram criados juntos”.

Enquanto o vigilante, na sua introspecção e nos seus resmungos, representa o dissabor da vida e o cansaço do trabalho decorrentes do permanente contato com os cadáveres que cuida, muito mais por obrigação da sobrevivência do que por uma satisfação pessoal, Antero, na sua juventude viril, é o representante da alegria capaz de romper e superar, pelo menos por algum momento, a monotonia do cotidiano. É vida nova não ceifada, como ceifada fora de do alemão andarilho e a do “filho do homem que chegou e se hospedou no quarto da pensão”. O seu comportamento opõe-se, ainda, à austeridade de irmã Jacinta, à frieza e ao mecanismo profissional do Dr. Joca e, sobretudo, à solidão e ao tédio do vigilante. Mantém, todavia, alguma afinidade com as enfermeiras, com as quais se diverte quando é chamado por irmã Jacinta, para pegar corujas. É a única ruptura de uma vida fria e inerte, como a representada pelos cadáveres, pelos bigodes amarelos do Dr. Joca e pelo dia-a-dia inalterável.

No tempo e no espaço tão diminutos d’*As Corujas*, a morte, tema central do conto, assim como a vida rotineira do vigilante, se destacam: de um lado, está a inércia representada pelos cadáveres, sobretudo do alemão - o referente, como elemento exótico, exige uma análise mais profunda do conto -, enquanto, do outro lado, estão o tédio e a rotina como motivos determinantes de uma existência dominada pela solidão. A este aspecto fúnebre contribui a escuridão noturna, que, às vezes, é riscada por *flashes* de luz da lanterna, quando se procura as corujas nas árvores, num tempo não determinado, mas representado pela noite. Com efeito, essa procura não determina o tempo da narrativa, porque o narrador refere-se a um tempo vago, isto é, a momentos em que alguém, talvez o mesmo Antero, venha a usar a lanterna para procurar as corujas.

No espaço ínfimo do necrotério, a escuridão é amenizada muito mais pelo clarear das velas do que pela luz elétrica. O aspecto macabro, que é dominante no conto, ganha reforço com a luz das velas, pois estas espantam as corujas que não se aproximam com medo de queimarem as asas. O ambiente de penumbra acentua a vida insulsa do vigilante e o pesadume dos cadáveres, e tem as corujas como símbolos do mau presságio, de destinos trágicos, muito representados na literatura, como, por exemplo, em *Tigipió*, do cearense Herman Lima, bem como em *O Fio do horizonte*, do já mencionado romancista italiano. A coerência interna é vista na noite de pouca luz, nos cadáveres, no rasga-mortalha das corujas, no guinchar dos ratos, no balde de sangue, nos lençóis curtos, no bisturi do Joca. A esta coerência pode ser acrescentado o tilintar das chaves de irmã Jacinta, o qual é sinal de vida durante o dia, podendo ser comparado, antagonicamente, ao rasga-mortalha das corujas, sinal de morte durante a noite. O tempo e o espaço reduzidos são também coerentes com a condição de penúria dos doentes do nosocômio: a distância entre a vida e a morte, que parece corresponder à distância entre o nosocômio e as lousas do necrotério, é tão curta, do mesmo modo como é curta a narrativa que a representa.

Enfim, o tempo e o espaço reduzidos definem, sem dúvida, a técnica do conto de Moreira Campos. Mas, em *As Corujas*, essa técnica se evidencia e determina a coerência interna, que observamos, sobretudo, na escolha do tema de natureza existencial, na seleção de motivos como a morte, a vida, o dia, a noite, a solidão, a rotina, o tédio. Para esta mesma coerência contribui, ainda, a escolha apropriada dos procedimentos narrativos, que percebemos, principalmente, na construção da frase e no uso da linguagem pensada e repensada, que, aliás, são características primordiais da sua prosa de ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: Benjamin, Walter: *Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. de Sérgio Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CAMPOS, Moreira. *As Corujas*. In: CAMPOS, Moreira. *Contos Escolhidos*, Rio de Janeiro, Antares/MEC, 1978.
- CORTÁZAR, Julio. *Alguns aspectos do conto*. In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*.
- DAVID Trad. De. Arrigucci Jr. e João A. Barbosa, São Paulo, Perspectiva, 1993, pp. 147-163.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo, Ática, 1987.
- MORAVIA, Alberto. *Racconto e Romanzo*. In: MORAVIA, A: *L’Uomo come fine*. Milano, Bompiani, 1972, pp. 220-224.
- NUNES, Benedito. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.